

Janeiro de 2011

Marianne vai abrir a porta quando Connell toca a campainha. Ainda está com o uniforme da escola, mas sem a camisola, apenas com a blusa e a saia, e sem sapatos, só com colãs.

Ah, olá, diz ele.

Entra.

Ela vira-se e atravessa a entrada. Depois de fechar a porta da rua, ele segue-a. Descem os degraus que conduzem à cozinha, onde Lorraine, a mãe dele, está a tirar umas luvas de borracha. Marianne salta para cima da bancada para apanhar um boião aberto de creme de chocolate para barrar, dentro do qual deixou uma colher de chá.

A Marianne disse-me que recebeste hoje os resultados dos exames preliminares, diz Lorraine.

Recebemos os de Inglês, diz ele. Entregam-nos separados. Queres ir andando?

Lorraine dobra com todo o cuidado as luvas de borracha e volta a arrumá-las debaixo do lava-loiça. Depois começa a tirar os ganchos do cabelo. Connell pensa que ela podia fazer aquilo no carro.

E já sei que tiveste um bom resultado, diz ela.

Foi o melhor da turma, diz Marianne.

Certo, diz Connell. Mas a Marianne também se saiu bem. Podemos ir?

Lorraine pára de desatar as tiras do avental e diz:

Não percebi que estávamos com tanta pressa.

Ele enfia as mãos nos bolsos e reprime um suspiro de irritação, embora com uma inspiração audível, que continua a parecer um suspiro.

Só tenho de ir tirar a roupa da máquina de secar, diz Lorraine. E depois podemos ir. Está bem?

Sem responder, Connell baixa a cabeça enquanto Lorraine sai.

Queres um bocadinho disto?, pergunta Marianne

Estende-lhe o boião com o creme de chocolate. Ele enterra as mãos um pouco mais nos bolsos, como que a tentar enfiar lá o corpo todo.

Não, obrigado.

Recebeste hoje os resultados de Francês?

Ontem.

Apoia as costas ao frigorífico e fica a vê-la lamber a colher. Na escola, ele e Marianne fingem não se conhecer. As pessoas sabem que ela vive na mansão branca com o caminho de acesso para carros, e que a mãe de Connell trabalha lá como empregada doméstica, mas ninguém está a par da relação especial entre esses factos.

Tive um A1, acrescenta ele. O que tiveste em Alemão?

Também tive um A1, responde ela. Estás a gabar-te?

Vais ter seiscentos, não vais?

Ela encolhe os ombros. Provavelmente tu é que vais.

Bem, tu és mais inteligente do que eu.

Não te preocupes. Ninguém é tão inteligente como eu.

Agora Marianne faz um sorriso irónico. Despreza abertamente os outros alunos da escola. Não tem amigos e passa a hora do almoço sozinha a ler romances. Há muita gente que a detesta. O pai morreu quando tinha treze anos e Connell ouviu dizer que ela tem uma doença mental, ou coisa assim. É verdade que é a aluna mais inteligente da escola. Receia ficar sozinho com ela como está agora, mas também imagina coisas que lhe poderia dizer para a impressionar.

Não és a melhor da turma em Inglês.

Indiferente, ela passa a língua pelos dentes.

Talvez devesse dar-me explicações, Connell.

Ele sente as orelhas a esquentar. É provável que ela esteja só a falar por falar, sem querer insinuar nada, mas, se o faz, é apenas para o humilhar por associação, devido à aversão que ela inspira. Usa sapatos rasos, feios, de sola grossa, e não se maquilha. Dizem que não rapa as pernas nem nada disso. Uma vez Connell ouviu dizer que, no refeitório da escola, ela se sujou com gelado de chocolate e foi para a casa de banho das raparigas, despiu a blusa e a lavou no lavatório. Essa é uma história muito conhecida sobre ela, que toda a gente ouviu. Se quisesse, podia exhibir-se na escola a cumprimentar Connell. Até logo à tarde, poderia dizer diante de toda a gente. Sem dúvida que isso o deixaria numa posição incómoda, o que é uma coisa de que, em geral, ela parece gostar. Mas nunca o fez.

Do que estavas hoje a falar com a professora Neary?, pergunta Marianne.

De nada. Sei lá. Dos exames.

Marianne gira a colher dentro do boião.

Ela está caída por ti?

Connell observa-a a mover a colher. Continua a sentir as orelhas a arder.

Porque perguntas isso?

Meu Deus, não tens um caso com ela, pois não?

Claro que não. Achas que tem graça brincar com uma coisa dessas?

Desculpa, diz Marianne.

Tem uma expressão concentrada, como se, através dos olhos, lhe estivesse a ver a parte de trás da cabeça.

Tens razão, não tem graça. Desculpa.

Ele faz um aceno de cabeça, olha em redor e enfia a ponta do sapato numa ranhura entre os mosaicos.

Às vezes, parece-me que ela tem um comportamento estranho comigo, diz. Mas não é coisa que me vá pôr para aí a contar.

Mesmo na aula, parece-me que ela se atira a ti.

Achas?

Marianne faz um aceno afirmativo. Ele esfrega o pescoço. A professora Neary dá aulas de Economia. Na escola fala-se muito do que

supõem que ele sente por ela. Até há quem diga que tentou pedir-lhe amizade no Facebook, o que não fez, nem nunca faria. Na verdade, ele não lhe faz nem lhe diz nada, fica apenas sentado em silêncio enquanto é ela que lhe faz e diz coisas. Por vezes retém-no depois da aula para lhe falar do rumo da sua vida, e uma vez tocou-lhe mesmo no nó da gravata do uniforme. Connell não pode contar a ninguém como ela se comporta porque iriam pensar que se estava a gabar. Na aula sente-se demasiado constrangido e exasperado para se concentrar na matéria, e limita-se a ficar sentado a olhar para o manual até os gráficos de barras começarem a ficar desfocados.

As pessoas estão sempre a meter-se comigo, a dizer que ando babado por ela e sei lá que mais. Mas não ando, de modo nenhum. Não achas que alinhio quando ela se comporta assim, pois não?

Que eu tenha visto, não.

Sem pensar, Connell enxuga as palmas das mãos à camisa do uniforme. Todos estão de tal modo convencidos de que se sente atraído pela professora Neary que por vezes começa a duvidar dos seus sentimentos. E se, a qualquer nível, acima ou abaixo da sua perceção, a deseja de facto? Nem sequer sabe muito bem como é sentir desejo. Sempre que fez sexo na vida real, isso pareceu-lhe tão stressante que em grande medida foi desagradável, levando-o a desconfiar que há qualquer coisa errada com ele, que é incapaz de ter relações íntimas com mulheres e que tem alguma deficiência de desenvolvimento. A seguir fica deitado a pensar: Detestei tanto o que se passou que estou agoniado. Ele será mesmo assim? A náusea que sente quando a professora Neary se inclina sobre a sua mesa será a sua maneira de sentir excitação sexual? Como poderá saber?

Se quiseres posso ir falar com o professor Lyons, propõe Marianne. Não lhe digo que me contaste seja o que for, só digo que reparei.

Santo Deus, não. De modo nenhum. Não fales disto a ninguém, está bem?

Está bem.

Ele olha para ela, a fim de confirmar que fala a sério, e faz um aceno de cabeça.

A culpa não é tua se ela se comporta assim contigo, diz Marianne. Não fizeste nada de mal.

Então porque pensam todos que estou apaixonado por ela?, pergunta baixinho.

Talvez seja por ficares muito corado quando ela fala contigo. Mas, com essa tua pele, coras por tudo e por nada.

Ele solta uma gargalhada breve e infeliz. Obrigado, agradece. É verdade.

Sim, eu sei.

Neste momento, estás a corar, diz Marianne.

Ele fecha os olhos e pressiona a língua contra o palato. Ouve Marianne a rir.

Porque tens de ser tão dura com as pessoas?

Não sou dura. Não quero saber se coras, não vou contar a ninguém.

Lá porque não vais contar a ninguém, não significa que possas dizer o que te apetece.

Está bem. Desculpa.

Ele vira-se para a janela e olha para o jardim, que, em boa verdade, se assemelha mais a um parque. Inclui um corte de ténis e uma grande estátua de pedra a representar uma mulher. Olha para o «parque» e aproxima o rosto da frescura do vidro. Quando as pessoas contam aquela história de Marianne lavar a blusa no lavatório, é como se isso fosse cómico, mas Connell pensa que o verdadeiro objetivo é outro. Marianne nunca andou com nenhum colega da escola, não há quem a tenha visto despida, nem sequer sabem se ela gosta de rapazes ou de raparigas, pois não fala desses assuntos com ninguém. As pessoas não lhe perdoam isso, e Connell acha que é por esse motivo que contam a história, como uma maneira de ficarem pasmadas com uma coisa que nem sequer lhes é permitido ver.

Não quero discutir contigo, diz ela.

Não estamos a discutir.

Sei que me deves detestar, mas és a única pessoa que fala comigo.

Nunca disse que te detestava, responde ele.